

Dando continuidade aos Encontros que a ACDR de Freixo de Numão e o Parque Arqueológico do Vale do Côa têm vindo a organizar no âmbito do património arqueológico e sua valoriação, em 2007 realizou-se o Fórum Valorização e Promoção do Património Regional. O Fórum decorreu nos dias 28, 29 e 30 de Junho nos concelhos de Figueira de Castelo Rodrigo, Meda, Pinhel e Vila Nova de Foz Côa, integrando quatro sessões coordenadas por diversos investigadores:

Sessões 1 e 2

Duas linhas de investigação regional: estudos cerâmicos e estudos judaicos:

sessão 1. Estudos cerâmicos

Figueira de Castelo Rodrigo, 28 de Junho (manhã)

sessão 2. Estudos judaicos

Pinhel, 28 de Junho (tarde)

Sessão 3

Panorama da investigação regional

Vila Nova de Foz Côa, 29 de Junho

Sessão 4

Arqueologia Experimental

Meda, 30 de Junho

Decorreu uma mesa-redonda no Museu D. Diogo de Sousa em Braga, ainda no âmbito deste Fórum, dedicada ao tema *Sítios Arqueológicos e Visitantes*.

As Câmaras Municipais de Figueira de Castelo Rodrigo, Meda, Pinhel e Vila Nova de Foz Côa apoiaram o Fórum e viabilizaram a edição destas actas. Deixamos expresso o nosso reconhecimento, em nome da organização e de todos os investigadores que tiveram a oportunidade de nele participar.

A realização regular destes Encontros e a publicação atempada das suas actas, contribuem seguramente para que a investigação se mantenha dinâmica nesta região. Todos continuaremos a colaborar, entidades e investigadores, para que os conhecimentos sobre o património se aprofundem e a sua valorização se torne uma realidade cada dia mais presente.

A Organização do Congresso

ACDR PAVC

entidades organizadoras do congresso:



edição das actas:



entidades financiadoras da edição:



Fórum Valorização e Promoção do Património Regional

actas das sessões

volume 1

Cerâmicas no Quotidiano
Estudos sobre Cerâmicas Arqueológicas e Etnográficas

volume 2

Investigar e Valorizar o Património
Estudos Judaicos
Sítios Arqueológicos e Visitantes

volume 3

Do Paleolítico à Contemporaneidade
Estudos sobre a História da Ocupação humana em Trás os Montes,
Alto Douro e Beira Interior

volume 4

Arqueologia Experimental
Recriações do passado em ritmos do nosso tempo

Este volume integra textos relativos à sessão que decorreu em Vila Nova de Foz Côa no dia 29 de Junho de 2007. É um reflexo da qualidade e diversidade da investigação que se vai fazendo por todo o Vale do Côa, abarcando um espectro temporal que vai do Paleolítico superior até à Contemporaneidade. A presença de artigos que abordam temas provenientes de outra regiões é um sinal da credibilidade que estas reuniões e respectivas actas vão, paulatinamente, adquirindo.

entidades organizadoras do congresso:



edição das actas:



entidades financiadoras da edição:



Do Paleolítico à Contemporaneidade

Estudos sobre a História da Ocupação humana em Trás os Montes,
Alto Douro e Beira Interior

volume 3



Fórum Valorização e Promoção do Património Regional
actas das sessões

Do Paleolítico à Contemporaneidade

Estudos sobre a História da Ocupação humana em Trás os Montes,
Alto Douro e Beira Interior

volume 3

Índice

4	prefácio
6	introdução
8	acta 01 O Vale do Côa, o Homem que o criou e o Outro que ainda o vive André Tomás Santos
16	acta 02 Aspectos da Arte Magdalenense e Tardi-Glacial no Vale do Côa António Martinho Baptista
32	acta 03 Temporalidades e espacialidades do Castanheiro do Vento (Horta do Douro, V.N. de Foz Côa) Ana Margarida Vale, Sérgio Gomes, Bárbara Carvalho, João Muralha Cardoso, Leonor Sousa Pereira, Gonçalo Leite Velho e Vítor Oliveira Jorge
42	acta 04 As gravuras rupestres do concelho de Macedo de Cavaleiros Sofia Soares de Figueiredo
62	acta 05 Duas peças decoradas “castrejas” do Alto do Castelo (Salto, Montalegre) João Mário Martins da Fonte
80	acta 06 Intervenção arqueológica no perímetro urbano de <i>Aqua Flaviae</i> . Algumas considerações. Pedro Sobral de Carvalho e Rui Filipe Mendes Barbosa
98	acta 07 O casal romano do Relengo (Barragem do Sabugal). Elementos para o estudo do povoamento romano e tardo-romano no Vale do Côa. Marcos Osório, Ricardo Costeira da Silva, Dário Neves e Paulo Pernadas
116	acta 08 APDARC: um ano de diálogos Mafalda Nicolau de Almeida

ficha técnica

Editor

Associação Cultural Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão

Título

Actas do Forum Valorização e Promoção do Património Regional

Coordenação do Congresso

Alexandra Cerveira Lima, António Martinho Baptista, António do Nascimento Sá Coixão, Miguel Rodrigues

Coordenação Editorial das Actas

Alexandra Cerveira Lima, António Martinho Baptista, António do Nascimento Sá Coixão, Luís Luís, Miguel Rodrigues

Coordenação Científica da Sessão

António Martinho Baptista, António Sá Coixão, Francisco Sande Lemos

Coordenação da Publicação

André Tomás Santos, Luís Luís

Autores

André Tomás Santos, António Martinho Baptista, Ana Margarida Vale, Sérgio Gomes, Bárbara Carvalho, João Muralha, Leonor Sousa Pereira, Gonçalo Leite Velho, Vítor Oliveira Jorge, Sofia Soares de Figueiredo, João Mário Martins da Fonte, Pedro Sobral de Carvalho, Rui Filipe Mendes Barbosa, Marcos Osório, Ricardo Costeira da Silva, Dário Neves, Paulo Pernadas, Mafalda Nicolau de Almeida

Revisão de Textos

André Tomás Santos e Luís Luís. Ana Vale (texto de que é co-autora).

Design

Gina Ferreira

Pré-Impressão, Impressão e Acabamentos

?????

1ª Edição, 2008. Porto

ISBN: 978-972-99799-4-1

Depósito Legal

????

Tiragem

1000 Exemplares

O Vale do Côa, o Homem que o criou e o Outro que ainda o vive¹

André Tomás Santos

(Parque Arqueológico do Vale do Côa , a.t.santos@sapo.pt)

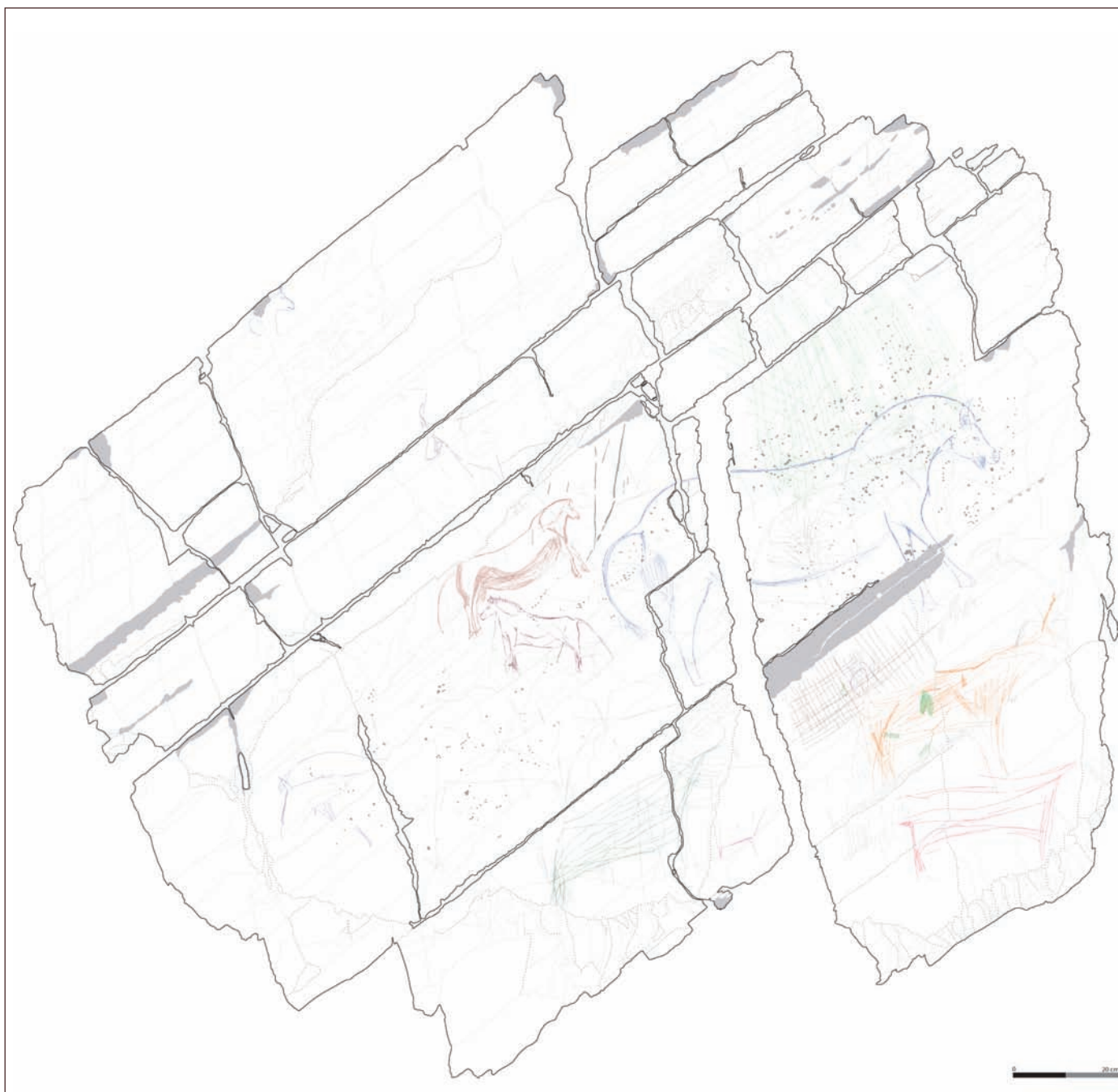
Como todas as perguntas que se interrogam sobre algo que é produto disso a que, por falta de melhor expressão, chamamos espírito humano, também a que interpela a Arte do Côa contém em si um labirinto com várias opções de prossecução e do qual não sabemos se alguma vez dele nos libertaremos. Este texto não corresponde portanto a um renovado fio de Ariane. Com ele pretende-se apenas alumiar alguns recantos e corredores mais estreitos na esperança de alcançarmos pelo menos um salão onde possamos repousar um pouco desta jornada que ainda há pouco começou.

Assim, num primeiro vestíbulo encontramos uma paisagem quase intocada pelo Homem, marcada por um frio mais intenso e uma humidade mais reduzida que a actual. Aqui e ali, em determinadas rochas, há cerca de 20.000 anos, num período a que chamamos Paleolítico superior, comunidades nómadas de caçadores-recolectores, que apenas talhavam a pedra, os ossos, as hastes de animais e a madeira, gravaram algumas espécies de animais com os quais partilhavam o Mundo. Estas comunidades foram, no entanto, selectivas em relação às espécies que representaram. Foram retratados apenas auroques (grandes bovídeos primitivos, antepassados do touro actual), cavalos, cabras montesas e em menor medida veados machos. Residualmente, a camurça e o peixe foram também fixados em pedra. Se os animais se seleccionaram, o mesmo se passou em relação aos locais onde se gravou. Tal prática não se deu em todo o lado, e dependendo do sítio onde tal ocorreu, a proporção entre as espécies representadas seria diferente. A título de exemplo podemos referir que na praia da Penascosa o macho da cabra montesa é predominante, enquanto que na ribeira da Quinta da Barca o veado é onnipresente. Se se optou por gravar em diferentes locais, devemos dizer que todos têm em comum o seu carácter público – nenhuma rocha está em algum sítio recôndito ou camuflada na paisagem. Todos estes animais foram gravados com diferentes técnicas: uns foram definidos por incisão (isto é, foram fruto do repassar de um utensílio lítico afiado pela superfície xistosa onde se encontram), outros por picotagem (sulcos resultantes da martelagem contínua da superfície com utensílio lítico denominado percutor) e outros ainda por abrasão (corresponde ao “polimento” do sulco advindo da picotagem), sendo as duas últimas técnicas as mais comuns. Um exemplo do sítio da Faia permite-nos saber que a pintura a vermelho foi também utilizada. Se diversas técnicas foram utilizadas na execução destas figuras, existe algo que é comum à grande maioria delas, a saber – a sua elevada qualidade estética. Algumas delas ombreiam seguramente com as grandes obras de arte que o Homem foi criando ao longo dos tempos. Aí confluem vários critérios que permitem tal afirmação: a originalidade das opções figurativas, a emoção que ainda produzem a quem as observa passados que estão 20.000 anos da sua aposição sobre os xistos.

Quiçá tenha sido esta referência ao Belo que nos permitiu deixar o vestíbulo onde nos arrastávamos. Deva-se ou não tal saída à invocação estética, o certo é que agora penetrámos, após curva apertada nos domínios de Cronos, num outro camarim.

E aqui é o Côa que encontramos outra vez, ainda no Paleolítico superior mas há cerca de 12.000 anos. O clima sendo ainda mais frio e seco que o nosso já não o é tanto como anteriormente. As comunidades de nómadas são ainda caçadoras-recolectoras e tecnologicamente trabalham sobre os mesmos materiais. Continuam a gravar em pontos precisos da paisagem, desta vez mais camuflados nas encostas que bordejam o Côa, sobretudo no seu sector terminal, e as linhas de água que correndo paralelamente àquele, vão morrer também na margem sul do Douro. Continuam-se a gravar animais, destacando-se largamente pelo número o veado. Neste período, contudo, o Homem retrata-se também, se bem que, em clara oposição com as figurações zoomórficas, de uma forma mais caricatural e quase fantástica. Se a localização das rochas torna estas figurações menos acessíveis, a técnica que agora predomina – a incisão – promove a sua discrição, obrigando a uma maior proximidade, e consequente intimidade, entre aquelas e quem as observa. Não queremos com isto dizer que não existam já exemplos de arte pública. Aí está o grande veado da rocha 10 da Penascosa que, fruto da técnica utilizada na sua execução – a raspagem (remoção da camada superficial da rocha através da fricção contínua de utensílio lítico de carácter abrasivo) – ainda hoje, com boa luz, é visível a cerca de 100 m de distância. Por outro lado, neste período, a arte impõe-se no quotidiano das pessoas sob outras formas. Referimo-nos à que, por ter sido aposta em pequenas placas e seixos de xisto, é passível de ser transportada. Bons exemplos destas novas formas são as cerca de 60 placas exumadas no Fariseu. Se o Belo nos libertou do vestíbulo inicial, libertar-nos-á também agora, bastando para a sua invocação lembrar o olhar melancólico

¹ Esta é uma adaptação para um público mais vasto de alguns textos que temos vindo a publicar ou que se encontram actualmente no prelo. Apenas no final tecemos umas considerações que naqueles não se encontram. Nos referidos trabalhos pode o leitor encontrar bibliografia mais específica: BAPTISTA, A. M.; SANTOS, A. T.; CORREIA, D. (2006) - Da ambiguidade das margens na Grande Arte de ar livre no Vale do Côa: Reflexões em torno da organização espacial do santuário Gravetto-Solutrense na estação da Penascosa/Quinta da Barca. *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa. 8, p. 156-184. BAPTISTA, A. M.; SANTOS, A. T.; CORREIA, D. (2008) - Estruturação simbólica da arte Gravetto-Solutrense em torno do monte do Fariseu (Vale do Côa). In *Pré-história: Gestos intemporais (Actas do III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior, vol. I)*. Porto: ACDR de Freixo de Numão, p. 38-61. BAPTISTA, A. M., SANTOS, A. T. e CORREIA, D. (no prelo) - O santuário arcaico do Vale do Côa: novas pistas para a compreensão da estruturação do bestário gravettense e/ou gravetto-solutrense. In Balbín Behrmann, R., ed. - *Arte al aire libre en el Sur de Europa (Curso de Arte Rupestre al Aire Libre: Investigación, Protección, Conservación y Difusión [Salamanca, 15, 16 y 17 de junio de 2006])*.



de um dos auroque da rocha 24 de Piscos, trazer à liça o correr livre do grande cavalo da rocha 41 da Canada do Inferno (Fig. 1)...

Mas eis que somos atirados para o sector mais perigoso do percurso que nos propusmos fazer. Chegámos ao corredor dos porquês onde toda a atenção é requerida, porquanto o Minotauro nos pode assaltar ao menor deslize de rigor ou de eficácia interpretativa.

E o primeiro porquê desta álea por onde caminhamos é aquele que pergunta pela razão da dispersão ordenada dos animais por pontos específicos de uma paisagem de há 20.000 anos. Como referimos linhas atrás, em locais específicos foram gravados diferentes conjuntos de animais – nesta praia predominam os bodes, junto daquela foz os bodes encontram-se em igual número que cavalos e auroques, por esta ribeira encontramos sobretudo veados, se percorrermos esta encosta sobranceira ao Côa vamos observar quase exclusivamente cavalos, etc. Para além disto, observamos também que a partir da orientação dos animais, existem sítios que se relacionam entre si e outros que se apartam. Por exemplo, para se aceder a uma encosta em que a maioria de animais são cavalos há primeiro que passar junto a uma foz de uma ribeira onde estes animais se encontram em igualdade numérica com bodes e auroques (Fig. 2). Para se aceder a uma outra encosta em que os auroques são predominantes, há que passar também junto àquela foz. Já ambas as encostas são independentes entre si. Queremos com estes exemplos, demonstrar a existência de um ordenamento da paisagem, ou melhor, de uma fixação da interpretação sobre ela. Mas, e eis um outro porquê, qual a relevância desta fixação? Lembremo-nos então que estamos perante sociedades sem escrita mas que têm padrões de conduta, regulações sociais, códigos éticos, etc. Ora, como perpetuar este corpo de regras não as podendo fixar por escrito? A resposta, quanto a nós e tendo em conta contributos da Antropologia, da Sociologia, da História e de outras ciências sociais, é disseminá-las mais ou menos sub-repticiamente pelo quotidiano. Mas – outro porquê! – que têm estes animais a ver com regulações sociais? Bom, exactamente o mesmo que uma esfera armilar tem a ver com essa entidade a que chamamos Portugal. Em ambas as situações lidamos com signos, em ambas as situações conhecemos os significantes, apenas na última conhecemos o significado. É evidente que entre identificar um corpo estruturado de signos e interpretá-lo como um mecanismo de perpetuação de determinado ordenamento social vai um grande passo. Podemos admitir que a estruturação que encontramos no Côa não passa do paroxismo do diletantismo ao nível da *Land Art*. Mas é aqui que entra a eficácia interpretativa. Enquanto o diletantismo é uma criação do século XIX, a utilização de mecanismos de perpetuação social é comum em todas as sociedades humanas, revestindo-se no seio daquelas sem escrita de formas semelhantes às que encontramos no Côa. Poderão estas ideias por si só explicar a espantosa concentração de gravuras no Vale do Côa? Claro que não. Outro factor que, a par dos condicionalismos da conservação, provavelmente terá contribuído para tal é esta região ter funcionado como área de agregação de múltiplos grupos – locais e forâneos – que aqui viriam para trocar materiais (aí estão as matérias-primas cujas fontes, de acordo com os estudos levados a cabo por T. Aubry, J. Sampaio e colaboradores, se encontram em locais que podem

fig. 1 Rocha 41 da Canada do Inferno.



situar-se até cerca de 200 km do Côa), pessoas (não nos esqueçamos dos problemas de consanguinidade em grupos humanos pequenos) e ideias, possivelmente em contextos altamente ritualizados e controlados socialmente. Em abono desta ideia, não devemos descurar a imponente da região enquanto cenário pungente de dramatismo, assim como a sua própria localização, exactamente situada nos limites ocidentais da Meseta Ibérica, sendo que habitualmente este género de práticas intergrupais se dá nas periferias dos territórios explorados por cada um dos grupos, nas chamadas *no man's lands*.

Encontrando-se atravessado metade do corredor que nos impele a perguntar, interrogamo-nos agora sobre as alterações verificadas no registo artístico há cerca de 12.000 anos. Como se referiu previamente, o animal preponderante passa a ser o veado. Se isto se pode dever a alterações climáticas que por então se davam, a alteração mais importante quanto a nós prende-se com a acessibilidade da arte. Se em boa verdade, os locais onde anteriormente se gravou continuariam a ser visitados como se demonstra pela aposição de novas gravuras nas rochas aí existentes, é certo que a maior parte dos painéis se dispersam de forma camuflada pelas encostas. Se a isto juntarmos o facto da técnica predominante ser a incisão, muito menos perceptível que a picotagem e a abrasão, podemos admitir que o acesso à informação contida nas rochas passou a ser muito mais controlado, exigindo provavelmente um intermediário que as conhecesse de antemão. Por outro lado, sabemos que este tipo de informação passou também a circular sob a forma de placas móveis, sendo que algumas delas foram alvo de posteriores processos que poderiam envolver quer o fogo quer a sua utilização como percutores. Todas estas evidências demonstram que, não tendo a arte deixado de servir como um mecanismo de perpetuação social, algo mudou. O mecanismo foi alterado. Isto tanto se pode dever ao esgotamento da eficácia do anterior como a uma mudança efectiva no interior das comunidades de então. Uma coisa é certa, a existência do intermediário referido acima não parece ter sido essencial anteriormente, e isto já é dizer muito...

Relevar o papel activo das manifestações artísticas do Côa enquanto ferramentas de abrangência social não é diminuir-lhes o valor estético, é colocá-las ainda mais próximo de toda a arte ocidental que até ao século XIX não passou disso mesmo. Se o bode de duas cabeças da rocha 3 da Quinta da Barca não é “inocente”, o tecto da capela cistina também não o é.

É esta assumption que nos permite entrar finalmente num amplo salão onde podemos por fim descansar e reflectir um pouco. É verdade que atalhámos caminho. Não vislumbrámos a arte da Pré-história Recente, caracterizada pelo seu antropocentrismo e esquematismo fruto talvez do progressivo sedentarismo das comunidades humanas e da gradual adopção das práticas agro-pastoris, saltámos as grafias da Idade do Ferro e as suas narrativas guerreiras e venatórias próprias de uma sociedade viril e heroicizada, não nos detivemos perante os painéis historiados já em épocas modernas e contemporâneas, tão perto e já tão longes de nós. Mas é agora tempo de parar – alumie-se então o salão. E nele, o que encontramos é o Mundo em que vivemos, agora um pouco mais transparente para nós. Porque o que o olhar para um outro tempo nos trouxe foi a capacidade de destapar algo do nosso. Foi o verificar que esta sociedade já não grava nas rochas para se perpetuar, mas também ela se quer eternalizar. Já não observamos auroques a beber nas margens do Côa mas todos os dias olhamos para a televisão, já não percebemos que relação haverá entre uma praia repleta de cabras e uma encosta pontuada por cavalos, mas lemos afanosamente os *opinion makers* do nosso tempo, dizemos não ter uma ideia estruturada do Mundo mas apenas disso não temos consciência, dizemos ser pensadores-livres mas apenas escolhemos o que nos parece ser a gaiola mais dourada para o nosso pensar. Não que tudo isto seja grave. Afinal é isso que é Ser.

E é também por isto que o Côa não é apenas um dos mais antigos testemunhos do génio criativo humano, é também, e sobretudo talvez, a própria condição humana fixada na pedra...

fig. 2 Rocha 1 da Quinta da Barca – Epicentro da concentração de rochas junto à foz da ribeira epónima.